

SINGULARIDADES NA SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO NA REGIÃO NORDESTE NOS SÉCULOS XIX E XX

Marco Antonio Rocha MARTINS*

- **RESUMO:** No campo disciplinar da sintaxe diacrônica, apresento neste artigo um mapeamento diatópico-diacrônico de resultados de diferentes estudos de três fenômenos morfossintáticos do português escrito no Brasil dos séculos XIX e XX: a implementação do pronome *você* na função de sujeito; a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular; e a sintaxe de colocação e posição dos pronomes pessoais clíticos em sentenças finitas simples e em predicados complexos. Esse mapeamento diatópico-diacrônico me permite trazer à tona argumentos a favor da hipótese de que, no vasto território brasileiro oitocentista e novecentista, as formas inovadoras da gramática do Português Brasileiro são implementadas com mais expressividade, já na escrita do final do século XIX, primeiro na região Nordeste quando comparada às regiões Sudeste e Sul. Na escrita do século XIX, no Nordeste brasileiro, há reflexos de um sistema já implementado (1) com o pronome *você* na função de sujeito, (2) com o pronome *lhe* como forma de complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular, com um aumento expressivo das formas preposicionadas (*a/para + te/tu/você*), e (3) com um sistema de clíticos com poucos casos de interpolação e contração de pronomes e formas inovadoras sem acento em complexos verbais e com próclise em posição inicial do período.
- **PALAVRAS-CHAVE:** sintaxe diacrônica; pronome você; dativos de segunda pessoa; clíticos; nordeste.

Introdução¹

O objetivo primeiro deste artigo é apresentar um mapeamento diatópico-diacrônico de diferentes fenômenos morfossintáticos do português no curso dos séculos XIX e XX, buscando trazer à tona argumentos para a hipótese de que, no vasto território do Brasil

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis – SC - Brasil. marcomartins.ufsc@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3999-3893.

¹ Neste artigo, apresento parte de resultados do projeto de pesquisa “Position of the subject and proclisis in neutral contexts [XP]V in 19th century Brazilian writing: Reflexes of a parametric change in BP”, financiado por uma bolsa de estudos do Instituto Humboldt/CAPES (Processo número 88881.145464/2017-01) durante o período em que fui professor visitante na Universidade de Colônia/Alemanha. Este projeto está integrado ao projeto “A posição do sujeito pré-verbal e das estruturas [XP-clitic-Verb] na escrita brasileira do século XIX”, financiado pelo CNPq com a bolsa

desse período, a gramática inovadora do Português Brasileiro (PB) deixa “correr sua tinta” (para retomar TARALLO, 1993) no curso dos séculos com mais expressividade na região Nordeste quando comparada às demais regiões. Em outras palavras, buscarei defender a hipótese de que diferenças diatópicas relevantes, com a implementação de formas inovadoras do PB, estão refletidas em textos escritos na região Nordeste em relação, principalmente, às regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Apresento e sistematizo resultados de diferentes estudos acerca de três fenômenos morfosintáticos:

- (1) a implementação do pronome *você* na função de sujeito;
- (2) o complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular, e;
- (3) a sintaxe de colocação e posição dos pronomes pessoais clíticos.

Os dados retomados neste artigo foram extraídos sobretudo de estudos com base nos *corpora* do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) e as análises foram realizadas a partir de pressupostos teóricos-metodológicos variacionistas da Sociolinguística Histórica². O mapeamento aqui apresentado mostra uma maior recorrência de formas inovadoras que estão na origem do PB na escrita na região Nordeste do Brasil e um conservadorismo nas regiões Sudeste e Sul.

O artigo está dividido em três seções: apresento um breve panorama de *corpora* Históricos do português brasileiro, elaborados (e em elaboração) no Brasil, sobretudo na região Nordeste, no âmbito do Projeto PHPB; retomo resultados de estudos sobre os três fenômenos sintáticos em tela; procuro sumarizar os principais resultados que mostram as singularidades do PB na escrita da região Nordeste, buscando contribuir para “atar as pontas” dessa complexa tessitura que envolve o estudo para uma história do português escrito em terras d’além mar.

Breves notícias sobre *corpora* históricos do Português Brasileiro (com foco na região Nordeste)

Muitos dos resultados de estudos que sistematizo neste artigo têm por base análises de documentos históricos organizados no âmbito do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) de estados das cinco regiões do Brasil. Este importante projeto criado em 1997 e coordenado dessa data até 2019 pelo professor Ataliba de Castilho agrega mais de 200 pesquisadores de diferentes IES. O projeto tem colocado em pauta uma agenda para a pesquisa em linguística histórica no cenário brasileiro, voltado para a evolução gramatical e história social do PB, agregando-se ao trabalho

de estudos de produtividade PQ-2 (processo 310094/2017-8). Agradeço as sugestões dos pareceristas anônimos da Revista, estando os erros remanescentes sob minha inteira responsabilidade.

² Apresento nas seções que seguem mais informações sobre o PHPB no contexto brasileiro, assim como dos pressupostos teórico-metodológicos das análises das quais foram retomados os resultados aqui sistematizados.

pioneiro desenvolvido na Universidade Federal da Bahia, por Rosa Virgínia Mattos e Silva, e na UNICAMP, por Mary Kato. Duas das mais importantes contribuições do projeto foram a organização dos *corpora* de textos impressos e manuscritos escritos no Brasil dos séculos XIX e XX que estão publicados e disponíveis com livre acesso³ e a organização e publicação, sob a coordenação geral do professor Ataliba de Castilho, de doze (12) volumes da coleção *História do Português Brasileiro* (CASTILHO, 2018).

Os *corpora* de documentos históricos no âmbito do PHPB estão disponíveis no *site* do projeto e organizados em:

- (1) *corpora impressos*, com textos de jornais (cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios);
- (2) *corpora manuscrito*, com cartas pessoais e cartas oficiais e
- (3) *corpora diferencial*, com textos diversos (como peças de teatro, testamentos entre outros) que levam em conta as especificidades dos diferentes estados brasileiros.

Na região Nordeste, o projeto nacional se organiza em equipes regionais de diferentes IES nos estados da Bahia, de Alagoas, de Sergipe, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará.

No estado da Bahia, mais especificamente, é importante destacar, ainda, a significativa contribuição do *Programa para a História da Língua Portuguesa* (PROHPOR)⁴, que foi fundado em 1990 e permaneceu por muitos anos sob a coordenação da professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, na Universidade Federal da Bahia. O PROHPOR, atualmente sob a coordenação de Tânia Lobo, foi pioneiro nos estudos sobre documentação histórica para o estudo do português no Brasil e tem reunido importantes documentos, que estão disponíveis no *site* do projeto, assim como tem publicado regularmente obras de referência com análises desses textos. Além do PROHPOR, um importante projeto de documentação de textos históricos do português brasileiro é o *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (DEDOHS)⁵, coordenado por Zenaide Carneiro e Mariana Oliveira.

Singularidades na sintaxe do português escrito no Nordeste brasileiro no curso dos séculos XIX e XX

Apresento nesta seção resultados de estudos de três fenômenos morfossintáticos que mostram singularidades do português escrito na região Nordeste no curso dos séculos XIX e XX em comparação com as regiões Sudeste e Sul no Brasil:

³ Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>.

⁴ Disponível em: <http://www.prohpor.org/>.

⁵ Disponível em: <http://www5.uefs.br/cedohs/>.

- (1) a implementação do pronome *você* na função de sujeito;
- (2) a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular, e
- (3) a sintaxe de colocação e posição dos pronomes pessoais clíticos.

A implementação do pronome *você* na função de sujeito

Nesta seção, sistematizo resultados de estudos sobre a implementação do pronome *você* no português escrito no Brasil dos séculos XIX e XX tendo em vista análise de cartas pessoais escritas em diferentes regiões. Meu objetivo primeiro é mostrar evidências empíricas de que a implementação do pronome *você* segue diferentes rotas na diacronia quando observadas as regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, o que corrobora a hipótese que defendo neste artigo de que formas inovadoras do PB se implementaram primeiro na região Nordeste e vão “descendo” o mapa, do Nordeste ao Sudeste e Sul, o território brasileiro no curso dos séculos XIX e XX.

Martins *et al.* (2015) apresentam uma análise da alternância *você* e *tu* seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista (LABOV, 1972, 1994), com base nos fatores pragmáticos e nos papéis sociais dos interlocutores (CONDE SILVESTRE, 2007)⁶. Os autores investigam a implementação do pronome *você* na função de sujeito em 813 cartas pessoais escritas por brasileiros nascidos no curso dos séculos XIX e XX de três Estados da região Nordeste: Rio Grande do Norte (RN), Pernambuco (PE) e Bahia (BA)⁷. A análise contempla a intrínseca relação entre as motivações sócio-pragmáticas e as relações interpessoais entre os escreventes no uso das formas tratamentais, mapeadas a partir das relações sociais classificadas de acordo com a dicotomia entre Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960).

Retomarei aqui apenas os resultados gerais em percentuais de frequência referentes à implementação de *você*, sobretudo em oposição ao pronome *tu*, nessas cartas. Os autores mostram que, nas 813 cartas investigadas nesses três Estados da região Nordeste, o uso de *você* como forma de tratamento em contextos sócio-discursivos, mesmo em relações simétricas em covariação com o pronome *tu*, é já bastante alto em cartas pessoais da primeira década do século XX, ou mesmo antes, no final do século XIX, quando comparado ao uso do pronome *tu*, como é o caso das cartas da Bahia. Dos diferentes subsistemas de tratamento na escrita brasileira dos séculos XIX e XX – (i)

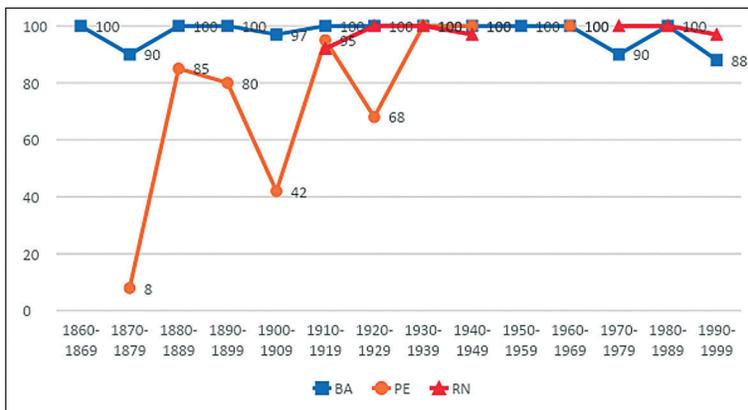
⁶ A análise dos autores é retomada em Lopes *et al.* (2018).

⁷ Na amostra da Bahia (BA), foram analisadas 383 cartas pessoais, relativas ao período de 1810 a 1990, do acervo do Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS) e identificados 838 dados de formas de tratamento de referência à segunda pessoa na posição de sujeito, entre sujeitos preenchidos e nulos (Vossa Excelência, Vossa senhoria, o senhor, Vossa mercê e tu); na amostra de Pernambuco (PE), foram analisadas 126 cartas pessoais datadas de 1869 a 1969 e identificados 354 dados de formas tratamentais (*você*, tu, Vossa Mercê, o/a senhor/a); na amostra do Rio Grande do Norte (RN), foram analisadas 304 cartas e levantados 892 dados de formas tratamentais (*você*, tu, o/a senhor/a). As cartas de PE e do RN estão em sua maioria disponíveis no site dos corpora do Projeto para a História do Português Brasileiro.

de *você* exclusivo, (ii) de *tu* exclusivo e (iii) de alternância *você ~ tu* – propostos por Lopes e Cavalcante (2011), a análise de Martins *et al.* (2015) apresenta evidências empíricas robustas de que, em cartas da BA, de PE e do RN, dos séculos XIX e XX, o subsistema de tratamento que vigorou, em quase todas as décadas do recorte temporal investigado, foi o de *você* exclusivo na posição de sujeito, como um sistema já bastante consolidado na primeira década do século XX, de 1900 a 1910, conforme exemplifica o excerto em (1)⁸ e ilustra a Figura 1, a seguir.

(1) [20,1 CP PE] [...] Eu queria que *VOCÊ* fosse lá na 4ª feira (amanhã é feriado) e *CONVERSASSE* em meu nome com o chefe da casa a respeito do assumpto. Caso elles possam enviar o radio, *VOCÊ* peça para [inint.] no trem de 5ª feira pois eu tenho desejo de reverver [inint.] com ingenho, depois de experimentar outros aparelhos – Outro pedio: *VOCÊ* procure tambem o Edvaldo Guimarães (o do seu Joaquim) e indique aelle dos rádios <↑Philco> que [fol. 1v.] possuo, bons, e de preço equivalente ao 141 Victor, K. 80 G.E. etc. si puder, *PEÇA* para avaliar. [...] (de Mário Sette para o filho, 29 de outubro de 1937, Pernambuco/Acervo Mário Sette).

Figura 1 – Implementação do pronome *você* na posição de sujeito em cartas pessoais da região Nordeste: Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia (1860-1999)



Fonte: Martins *et al.* (2015, p. 46)⁹.

⁸ Os dados citados neste artigo foram extraídos de diferentes trabalhos aqui retomados. Os códigos que precedem os dados codificam as seguintes informações:

Século - 19.1, 19.2, 20.1 e 20.2

Gênero textual - LR: cartas de leitores; LJ: cartas de jornalistas; A: anúncio; TP: peça teatral

Estado Brasileiro - SC: Santa Catarina; RJ: Rio de Janeiro; BA: Bahia; PE: Pernambuco; RN: Rio Grande do Norte; CE: Ceará.

⁹ Os resultados apresentados nos gráficos fazem referência ao total de uso das formas *você* versus *tu*. Para observar aqui a implementação de *você* nos mesmos contextos socio-discursivos de *tu*, foram excluídos os usos das demais formas treatmentais nas cartas (Vossa Excelência, Vossa senhoria, o senhor, Vossa mercê e tu). Para uma análise pormenorizada, remeto o leitor a Martins *et al.* (2015).

Em cartas baianas, como mostra a figura 1, o pronome *você* aparece já como uma forma consolidada no sistema de tratamento na segunda metade do século XIX (entre 1860 e 1899) com percentuais de/ou muito próximos a 100%, em oposição ao pronome *tu*¹⁰. Um outro aspecto do estudo dos autores, não refletido nos gráficos da figura 1, é que, em oposição às demais formas de tratamento (*Vossa Excelência*, *Vossa senhoria*, *o senhor*, *Vossa mercê* e *tu*), há uma baixa frequência do pronome *você* no final do século XIX. No entanto, em oposição ao pronome *tu*, como mostra o gráfico na figura 1 a frequência de uso da forma *você* sobe para 100% logo no início do século XX (entre 1900 e 1929) e se mantém elevada em todo período. Embora, no período de 1940-1969, os índices sofram uma queda em oposição ao uso de todas as formas, o pronome *você* atinge a média dos 100% na última fase do século XX (de 1960 a 1999). Sobre os pronomes *tu*, segundo os autores, foram identificados apenas 6 dados no total, categoricamente como sujeito nulo, que ocorreram, como era esperado, quando havia maior intimidade e solidariedade entre os interactantes, em certos tipos de relação pessoal, como é o caso das relações entre amigos, cf. exemplo em (2), e entre casais – em ocasiões mais informais –, cf. (3):

(2) [19,2 CP BA] Vê se Ø *COMBINAS* com o Pedreira e Sinim-|bu alguma cousa a meu respeito. (de F. M. Alvares d’Araujo para Martim Francisco, 19 de setembro de 1878, Bahia/Cartas para Vários Destinatários)

(3) [20,2 CP BA] Bem Ø *SABIS* | que é a maior representante de minha | vida? (de Arnaldo para a esposa Maria, 1 de setembro de 1971, Bahia/Acervo Cartas da Família Oliveira)

Comportamento similar é encontrado em cartas pernambucanas. Há um “forte domínio” do uso do pronome *você* em finais do século XIX, 80% em 1880-1889, com a consolidação em cartas do século XX (100% nas últimas décadas analisadas). Foram encontrados 64 usos do pronome *tu* na amostra (do total de 354 dados analisados com todos os pronomes), distribuídos ao longo do período analisado, e esses dados estão sempre associados a motivações sócio-pragmáticas, ocorrendo eventualmente nas relações assimétricas descendentes (entre pais e filhos) e em relações simétricas em contextos mais íntimos entre amigos e entre casais, como em temática amorosas, conforme dado a seguir:

¹⁰ Uma segunda forma muito recorrente nas cartas baianas do século XIX foi o pronome *Vossa Excelência*. Citando Martins *et al.* (2015, p. 30): “*Vossa Excelência* aparece nas cartas com 40% de frequência na primeira metade do século XIX (1810-59), atingindo 82% na segunda metade daquele século”.

(4) [20,1 CP PE] Não *TENHAS* medo, minha febre não é paludismo, é loucura por ti. Vem ver-me e olhar muito para mim. Não te *ESQUEÇAS* de que é com as linhas de teus braços e com a cor de teus olhos que minha alma vai todos os dias desenhando o seu ideal. (Arthur Orlando”- cartas amorosas foram enviadas por Arthur Orlando à esposa Maria Fragoso Orlando da Silva).

Em cartas norte-rio-grandenses, o mesmo cenário é encontrado: *você* é a forma pronominal categórica já em cartas da primeira década do século XX (92%) e os usos do pronome *tu* são motivados por relações amorosas e fraternais – cartas de namorado(a)/noivo(a) para namorada/noiva; e de marido para mulher ou e de mulher para marido – como ilustra o dado em (5)¹¹:

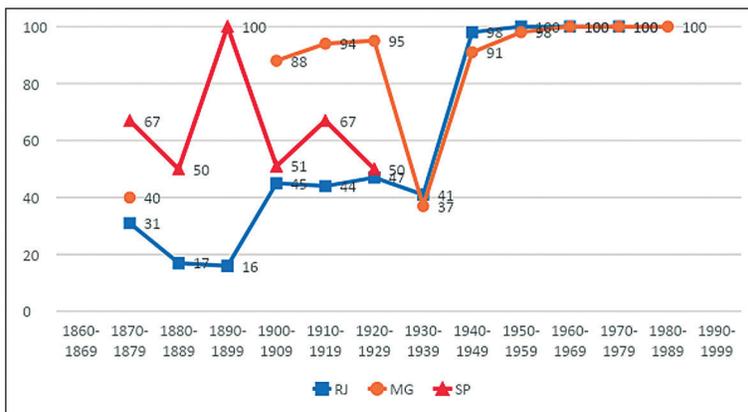
(5) [20,1 CP RN] Deixe-me andar assim no teu caminho, por toda a vida amor, de vagarinho até a morte me levar consigo... *TU ÉS* a vida da minha própria vida por isso e que te amo amo 365X365, que Deus te conserve bonita e bela para mim. (de Walter Oliveira para Lucinha, 31 de setembro de 1949, Rio Grande do Norte/Acervo).

Em suma, esse quadro brevemente retomado aqui mostra que, na implementação do pronome *você* na região Nordeste, o subsistema de tratamento que vigorou desde a primeira década do século XX, e mesmo em finais do século XIX, foi o de *você* (quase exclusivo) já bastante consolidado como forma de tratamento. Como estudos têm evidenciado (LOPES; RUMEU, 2013; LOPES *et al.* 2018), esse não é o quadro encontrado nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. Lopes *et al.* (2018), retomando resultados publicados por diferentes pesquisadores (LOPES; RUMEU, 2015; entre outros), num trabalho articulado sob a coordenação de Célia Lopes da UFRJ e publicado num volume do História do Português Brasileiro (LOPES *et al.*, 2018), consolidam resultados de anos de estudos realizados sobre formas tratamentais na região Sudeste, no estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais e investigam 522 cartas pessoais dos séculos XIX e XX¹². A implementação do pronome *você* em cartas pessoais nesses estados pode ser observada nos na Figura 2 a seguir:

¹¹ Na amostra do RN, há cartas do período de 1940 a 1959 com altos índices de *tu* (62% e 100%), mas são todos dados em cartas de amor trocadas entre o casal Lourival e Ruzinete. Por entendermos aqui que são usos motivados por relações interpessoais e por contexto amoroso das cartas, esses dados foram excluídos do gráfico na Figura 1. Para mais detalhes a respeito ver Moura (2013), Martins *et al.* (2015) e Lopes *et al.* (2018).

¹² Na amostra do Rio de Janeiro (RJ), foram analisadas 366 cartas pessoais escritas entre 1870 e 1979 e identificados 1.525 dados de *você* e *tu*; na mostra de Minas Gerais (MG), foram observadas 89 cartas mineiras escritas entre 1850 e 1989 e 266 dados de *você*, *tu* e *Vossa Mercê*; na amostra de São Paulo (SP), foram analisadas 67 cartas escritas entre 1870 e 1930 e identificados 148 dados de *você*, *tu*, *o/a senhor/a*, *vossa senhoria* e *vossa excelência* em posição de sujeito.

Figura 2 – Implementação do pronome *você* na posição de sujeito em cartas pessoais da região Sudeste: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (1860-1999)



Fonte: Adaptado de Lopes *et al.* (2018, p. 50, p. 69, p. 82).

No Rio de Janeiro o pronome *você* não foi produtivo até o início do século XX (com percentuais de 31% em 1870-1879, 17% em 1880-1889 e 16% em 1890-1899) quando se equipara ao uso do pronome *tu*. É a década de 1930 um marco com um aumento expressivo no uso de *você*, de 41% em cartas de 1930-1939 para uma média de 98% em 1940-1949, atingindo 100% nos demais períodos da segunda metade do século XX. Lopes *et al.* (2018) interpretam esses resultados a partir da hipótese de Souza (2012) considerando três estágios na implementação de *você* tendo em vista a análise de cartas escritas no RJ: “I. de 1870 a 1899: *tu* era mais frequente que *você*; II. de 1900 a 1939: *tu* e *você* apresentando frequências próximas; e III. de 1940 a 1979: predomínio de *você* sobre *tu*.” (LOPES *et al.*, 2018, p. 50). Ainda nas palavras dos autores:

O pronome *você* era menos produtivo que a forma *tu* em 1870, mantendo-se assim até a virada do século XIX para o XX. A distribuição das duas formas se alternou a partir de então, com índices de frequência bastante equilibrados até 1930-1939. De 1940 em diante, houve outra mudança com a inversão do comportamento de *tu* e *você* em relação à fase inicial. O uso de *você* tornou-se majoritário com o declínio do pronome *tu* nas cartas em análise. (LOPES *et al.*, 2018, p. 50).

De fato, há nos resultados das cartas cariocas uma clara curva ascendente de mudança com a substituição de *tu* por *você* e a década de 1930 parece ser o marco dessa alteração.

Em Minas Gerais, há uma “alta produtividade de *você*, com 84% (189 dados), em oposição às baixíssimas frequências de uso de *tu*, em 12% (28 dados) e do *Vossa Mercê*, em 04% (9 dados)” (LOPES *et al.*, 2018, p. 50). Como podemos observar na

Figura 2, há uma concentração do uso do pronome *tu* em cartas da década de 1930, que, nas palavras dos autores, é motivado por “relações familiares de superior para inferior das cartas mineiras novecentistas: de pais para filhos e entre irmãs.” (LOPES *et al.*, 2018, p. 76). Nessa direção, o sistema com *você* exclusivo parece ter vigorado desde a primeira década do século XX em Minas Gerais, ou pelo menos esse cenário é evidenciado nas cartas analisadas.

Esse mesmo quadro pode ser encontrado em São Paulo no período de 1870 a 1930: a análise “aponta para a tendência de que o pronome *você* apresenta um uso majoritário ao longo do tempo, compreendido como uma estratégia neutra que perpassa a maioria das relações sociais” (LOPES *et al.*, 2018, p. 90). No equilíbrio entre o uso dos pronomes *você* e *tu*, dos dados analisados para SP, os poucos são de *tu* em geral, o uso desinencial “ocorre em contextos em que há a intenção de estabelecer intimidade e afeto”. Em MG e em SP, portanto, o quadro se diferencia, em parte, daquele encontrado para o RJ, em que a frequência de uso do pronome *você* aumenta significativamente na década de 1930.

Se a escrita no Sudeste, e mais particularmente do RJ, mostra particularidades na implementação do *você* em relação ao Nordeste, esse quadro é ainda mais diferenciado na região Sul, considerando pelos menos dados de Santa Catarina. Nunes de Souza e Coelho (2013, 2015), e esses resultados são retomados em parte também em Lopes *et al.* (2018), investigam 71 cartas de SC escritas por ilustres e não ilustres de duas cidades catarinenses – Florianópolis e Lages – e delinham dois quadros contrastantes no que se refere à implementação de *você* nessas cartas. Nas palavras dos autores,

[...] o primeiro [contraste] entre o uso conservador do pronome *tu* com sujeito nulo pelos remetentes ilustres florianopolitanos e o uso variável dos pronomes *tu* nulo e *você* expresso pelos não ilustres; o segundo contraste foi entre o uso majoritário do pronome *tu* por não ilustres de Florianópolis e do pronome *você* por não ilustres de Lages, indicando um caso de variação diatópica. Esses resultados refletem, em certa medida, o caráter heterogêneo do estado de Santa Catarina. (LOPES *et al.*, 2018, p. 106).

Uma análise particularizada dos dados mostra um quadro em que o pronome *você* apresenta baixos percentuais de frequência em SC no curso do século XX, ainda que consideradas as diferenças diatópicas relevantes entre as cidades de Florianópolis e de Lages onde a forma *você* é mais recorrente, de modo que na segunda metade do século XX há ainda altos índices de *tu* na função de sujeito, mesmo que com realização pronominal.

Da implementação do pronome *você* numa perspectiva diatópico-diacrônica, portanto, tendo em vistas os resultados empíricos aqui retomados, é possível chegar à conclusão de que parece haver uma diferença significativa entre os estados das três regiões no Brasil dos séculos XIX e XX: *você* parece se implementar como

pronome sujeito na escrita de cartas na região Nordeste, ainda em finais do século XIX, e esse mesmo quadro parecer ser aquele encontrado em cartas de MG e SP, desconsideradas as poucas ocorrências de *tu*, sempre motivadas por fatores sócio-pragmáticos. Esse quadro se diferencia substancialmente da escrita no RJ em que há uma clara implementação do *você* a partir da década de 1930, e da escrita em SC que revela baixos percentuais de uso ainda na segunda metade do século XX. É importante dizer aqui que as análises retomadas para os diferentes conjuntos de cartas escritas por brasileiros das três regiões levam em conta (“apenas”) percentuais de frequência, e que a concepção de implementação em seu sentido laboviano deve ser relativizada, pois não são considerados fatores condicionadores no processo de mudança que possam levar a pesos relativos ou demais índices estatístico-probabilísticos relevantes. No entanto, é importante considerar que os percentuais de frequência constituem importante argumento quando considerados dados históricos (ver argumentação em CONDE SILVESTRE, 2007, por exemplo) e os índices de *você versus tu* na função de sujeito aqui sistematizados evidenciam diferenças robustas associadas a fatores diatópicos: a trajetória do *você* na Região Nordeste mostra claras evidências de que esse pronome estava já implementado no sistema linguístico dessa região em finais do século XIX, e em todo o curso do século XX, e esse não é o quadro evidenciado nas regiões Sudeste e Sul.

Complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular

Nesta seção, sistematizo resultados de estudos sobre a realização do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular em cartas pessoais da região Nordeste em comparação a estados do Sudeste e Sul¹³.

Costa da Silva (2017) investiga 248 cartas pessoais escritas no século XX, entre 1910 a 1999, dos estados do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e da Bahia, da região Nordeste, e analisa 610 ocorrências de complementos dativos, argumentos ou Objeto Indireto de verbos, com referência à segunda pessoa do singular. No campo variacionista da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007), o autor observa a distribuição e evolução das seguintes formas no período:

(a) pronomes átonos *te* e *vos* e preposicionado *ti* (cf. 6),

¹³ Há muitas e diferentes propostas para tratar o amplo fenômeno da “datividade” nas línguas (COMPANY, 2002, 2006) e as mudanças relevantes na expressão do Dativo/Objeto Indireto no português brasileiro (TORRES MORAIS; BERLINCK, 2018). Seguindo o estudo de Costa da Silva (2017), consideramos aqui complementos dativos como argumentos internos preposicionados de verbos, que, no PB, se identificam com um complemento oblíquo introduzido pelas preposições lexicais *a/para*. Nesse sentido, assumimos que a forma *lhe* assim como as formas preposicionadas *a/para você/tu* passam a expressar o Objeto Indireto, ou complemento dativo, para se referir à segunda pessoa do singular, pois se identificam pelos mesmos papéis temáticos característicos do Objeto Indireto, em particular em contextos de verbos que expressam transferência e/ou movimento.

- (6) a. [20,2 CP RN] ainda não tenho uma resposta pra *TE dizer*. (Walter a Lucinha, São Paulo 18.10.91).
- b. Com os mais attenciosos cumprimentos *VOS* apresento o XI volume dos “Archivos do Museu (Alipio de Miranda Ribeiro ao Excelentissimo Sr. Governador do Estado da Bahia, Feira de Santana, 17-12-1901).
- c. Este que é capaz de dar a vida *POR TI* caso fosse preciso. (Walter a Lucinha, São Paulo, 08-12-1992).

(b) clítico *lhe* (7),

(7) [20,2 CP RN] também não creio estar pedindo-*LHE* nada demais. (Walter a Lucinha, São Paulo, 22-05-93).

(c) pronome nulo (8),

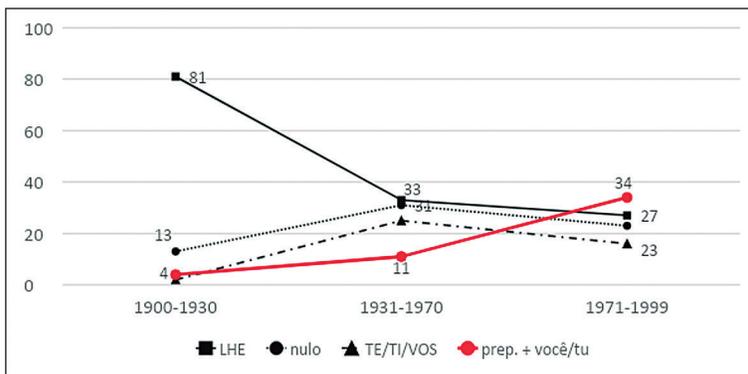
(8) [20,2 CP RN] Lucinha, peço (☞) que se possível mim ligue domingo. (Walter a Lucinha, São Paulo, 20-11-92).

e (d) pronomes *você* e *tu* preposicionado (9).

- (9) a. [20,2 CP RN] um homem que continha muito apaixonado *POR VOCÊ* (Walter a Lucinha, São Paulo, 22-05-93).
- b. [20,2 CP RN] o passado negro não quero ja mais, apelo *PARA TU*, para o futuro para que o meu sonho seja realizado. (Lourival a Ruzinete, Mumbaça, 17-02-1946).

A implementação das quatro variantes para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular nessas cartas pode ser observada na Figura 3 a seguir:

Figura 3 – Implementação das formas dativas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais da região Nordeste (1900-1999)



Fonte: Costa da Silva (2017, p. 76).

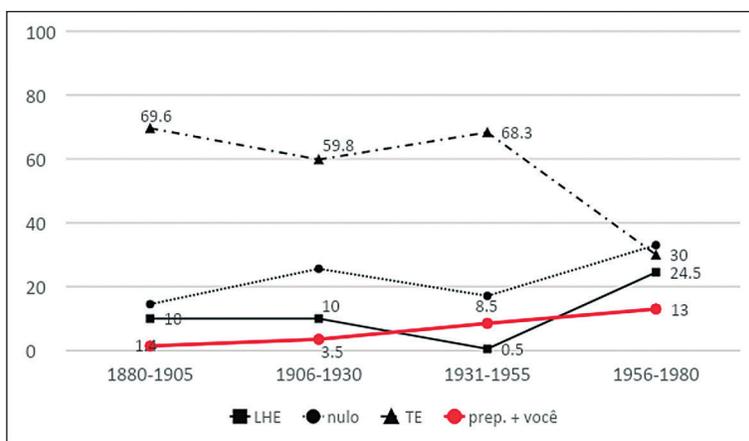
Chamo a atenção para as seguintes constatações obtidas por Costa da Silva, depreendidas a partir da Figura 3, sobre a implementação das quatro formas variantes para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa na escrita do Nordeste. Primeiro, as formas pronominais *te/ti/vos* já não são recorrentes em textos do primeiro período, de 1900 a 1930 (4%), e permanecem muito baixas ao longo do século XX. Há um pequeno aumento no uso dessas formas ao longo das décadas seguintes, mas, como aponta o autor, esse aumento no emprego das formas *te/vos* ocorre nas cartas de 1931 a 1970, da escrevente Ruzinete, que faz uso categórico de um sistema de *tu* e escreve todas as correspondências em análise para o seu namorado/noivo/marido no período de 1946 a 1972. De acordo com Costa da Silva (2017), essa não é a tendência geral nas cartas analisadas, nas quais o uso das formas *te/ti/vos* é muito baixo. Em segundo lugar, há uma queda bastante acentuada na frequência de uso do pronome *lhe* de 1900-1930 (81%), para as demais décadas, em cartas de 1931-1970 (33%) e em cartas de 1971-1999 (27%). Sobre essa queda, é importante registrar que o uso da forma inovadora *lhe* já parece se mostrar muito frequente em textos do início do século XX e cai significativamente a partir das cartas do segundo período. Em terceiro lugar, há um aumento no uso de formas nulas: de 13% em textos de 1900-1930, sobe para 31% em textos de 1931-1970 e para 23% em textos de 1970-1999. Por último, há um expressivo aumento no uso da variante inovadora com formas preposicionadas (*preposição a/você + você/tu*) no curso do século XX, de 4% em cartas do primeiro período para 11% e 34% em cartas dos períodos subsequentes.

Desse quadro delineado a partir do estudo de Costa da Silva (2017), podemos interpretar que a mudança associada ao uso da forma inovadora *lhe* para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular já estava por completo implementada no sistema de dativos para expressão de OI no início do século XX na escrita do Nordeste e vai “perdendo terreno” no curso do tempo, primeiro para

as formas nulas, que começam a aparecer timidamente em cartas do início do século XX, e depois para as formas mais inovadoras preposicionadas cuja frequência de uso aumenta expressivamente de 4% para 34%. Em outras palavras, a forma inovadora *lhe* associada ao pronome *você* já estava implementada no sistema do início do século XX e as formas nulas e as preposicionadas aumentam significativamente no curso dos três períodos analisados na amostra.

Retomo no que segue os resultados de Oliveira (2015) que investiga 318 cartas escritas entre o período de 1880 a 1980 do Rio de Janeiro. O quadro que o autor encontra na análise de 811 ocorrências das quatro variantes do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular está descrito na Figura 4 que segue.¹⁴

Figura 4 – Implementação das formas dativas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais do Rio de Janeiro (1900-1999)



Fonte: Oliveira (2015, p. 87).

Quero chamar a atenção para o fato de que, em linhas gerais, as tendências de mudança das quatro variantes atestadas em cartas da região Nordeste se mantêm nas cartas cariocas, no entanto há algumas especificidades em relação à temporalidade em que podem ser observadas as mudanças. Primeiro, há uma expressiva queda na frequência de uso da forma pronominal *te* (69,6% > 59,8% > 68,3 > 30%), em parte, semelhante ao movimento nas cartas da região Nordeste. Essa forma, no entanto, era ainda muito utilizada no curso do final do século XIX (1880-1905) e na primeira metade do século XX (1906-1930) nas cartas cariocas, diferente do quadro apresentado para escrita no Nordeste. Em segundo lugar, há um tímido aumento na frequência de uso do pronome *lhe* do primeiro (10%) para o último período (24,5%) nas cartas cariocas.

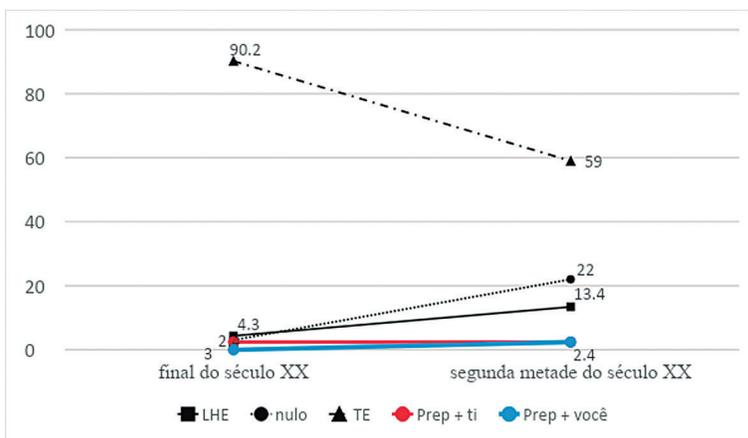
¹⁴ Com o objetivo de comparar os resultados obtidos por Oliveira (2015) do Rio de Janeiro, na região Sudeste, com os de Costa da Silva (2017) para o Nordeste, apresento aqui apenas os resultados referentes às variantes *lhe*, *te*, *preposição (a/para) + você* e *nulo*. Esses são em ambos os estudos as formas mais recorrentes.

A frequência de uso da forma *lhe* nessas cartas se contrasta àquela encontrada em cartas do Nordeste, pois, no RJ, o *lhe* parece se implementar no curso do século XX, com um significativo aumento em cartas da década de 1931. Em terceiro lugar, há um leve aumento na frequência de uso das formas nulas, de 14,5% em 1880-1905 para 30% em 1956-1989 e esse aumento também parece ser sensível à escrita a partir da década de 1930. Por último, uma quarta observação diz respeito ao tímido incremento na frequência de uso da forma preposicionada (*preposição + você*) inovadora da gramática do PB (e é importante destacar aqui que Oliveira (2015) não encontra nenhuma ocorrência de *preposição + tu*), de 1,4% na última década do século XIX para 13% na segunda metade do século XX. Chamo a atenção para o fato de que a tendência na frequência de uso da forma nula acompanha aquela do pronome *lhe* nas cartas cariocas e que esse quadro é diferente daquele encontrado nas cartas do Nordeste em que as formas preposicionadas (*preposição + você/tu*) desenham uma curva nítida de mudança que parece se implementar no sistema do século XX.

Esse quadro é ainda mais diferente em cartas da região Sul. Nunes de Souza (2015) investiga três conjuntos de cartas de escreventes de duas cidades do estado de Santa Catarina: uma amostra de 1882 a 1898 com cartas de Cruz e Sousa; uma amostra de 1932 a 1992 com cartas de Maura de Senna; e uma amostra de 1984 a 1992 de Harry Laus. No primeiro conjunto, do total de 79 dados encontrados de complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular, 72 são do pronome *te*, 3 de *a ti* e 2 nulos (NUNES DE SOUSA, 2015, p. 134). No segundo conjunto, as 173 ocorrências estão distribuídas em 39 de *te*, 69 nulos, 1 de *a ti*, 58 de *lhe* e 5 da forma preposicionada *a você* (NUNES DE SOUSA, 2015, p. 143). No terceiro conjunto, as 70 ocorrências de dativos/OI estão distribuídas em 48 de *te*, 3 de *ti*, 17 nulos e 2 do pronome *lhe* (NUNES DE SOUSA, 2015, p. 157). Desses resultados, fica evidente que em cartas do estado de SC na região Sul: primeiro, o uso do pronome *te* é ainda muito frequente no curso do final do século XIX e no curso e final do século XX, de 1882 a 1992, período correspondente às cartas analisadas por Nunes de Sousa; segundo, a ocorrência do pronome *lhe* como complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular do singular é muito baixa em toda a amostra, com os poucos dados que em sua maioria estão nas cartas de Maura de Senna; em terceiro lugar, há também poucas ocorrências com a forma nula; e, por último, quase não há formas preposicionadas, sendo que foram encontradas apenas 5 ocorrências de *preposição + você* nas mesmas cartas de Maura de Senna, que se mostra sempre a escrevente mais inovadora da amostra, segundo a autora.

Resultados muito semelhantes para o RJ e SC podem ser encontrados em Oliveira, Carvalho e Silva (no prelo) que investigam 255 cartas particulares cariocas e catarinenses. Foram encontrados 291 dados em cartas de SC e 357 em cartas do RJ. As 291 ocorrências do RJ se distribuem em: 55,2% de *te*; 10,4% de *lhe*; 25% de nulo; 2,2% de preposição (*a/para ti*); e 6,4% de preposição (*a/para você*). As ocorrências de SC se distribuem em: 77% de *te*; 8,2% de *lhe*; 11,3% de nulos; 2,4% de preposição (*a/para ti*); e 1% de preposição (*a/para você*). A evolução dessas variantes nos dados de SC entre o final do século XIX e a segunda metade do século XX pode ser observada na Figura 5 a seguir.

Figura 5 – Implementação das formas dativas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais de Santa Catarina (final do século XIX e segunda metade do século XX)



Fonte: Oliveira, Carvalho e Silva (no prelo, p.10).

Com esses resultados, fica mais evidente o quadro em que a implementação das variantes para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular em cartas de SC se diferencia do RJ, e a esses estados da região Nordeste. Em SC, primeiro o uso do pronome *te* é ainda muito frequente no final do século XIX (90,2%) e na segunda metade do século XX (56%); segundo, há um pequeno aumento na frequência de uso do pronome *lhe*, chegando em 13,4% em cartas da segunda metade do século XX; em terceiro lugar, de igual modo, é muito pequeno o incremento da forma nula; e, por último, quase não há formas preposicionadas, com as preposições *a* ou *para* + *ti* ou *você* na amostra.

Os resultados aqui sistematizados são robustos para mostrar que a evolução das formas variantes para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular no curso do tempo é diferente quando comparamos dados das três regiões do Brasil. Quando comparadas às amostras do Nordeste, Sudeste e Sul, em cartas nordestinas há uma distribuição diacrônico-diatópica bastante particular em que a variante pronominal *te* é significativamente menos frequente já no início do século XX, a variante inovadora *lhe* já se mostra implementada no sistema pronominal desse período e a frequência de uso das formas (mais) inovadoras nulas e preposicionadas, sobretudo desta última, com a forma *preposição* + *tu* inclusive, são incrementadas no sistema, com um gradativo e expressivo aumento no percentual de uso.

Repito aqui que mesmo nos valendo de (“apenas”) percentuais de frequência, muitas vezes muito reveladores quando observados dados históricos, os índices evidenciam diferenças diatópicas significativas, mostrando especificidades na sintaxe do português escrito na Região Nordeste quando comparada às regiões Sudeste e Sul.

A sintaxe de posição e colocação dos pronomes pessoais clíticos

O panorama apresentado em Martins (2018) com base num *corpus* de cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios de jornais brasileiros dos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Ceará sobre a sintaxe dos pronomes pessoais clíticos confirma resultados de estudos anteriores sobre os padrões de posição e de colocação dos clíticos na escrita do Brasil nos séculos XIX e XX (PAGOTTO, 1992; LOBO, 1992, 2001; CARNEIRO, 2005; MARTINS, M. A., 2009, 2012, 2013). O autor mostra que o padrão proclítico da gramática do PB se manifesta em diferentes contextos sintáticos na escrita brasileira de forma bastante uniforme, mas destaca que usos de formas inovadoras de colocação e de posição dos pronomes clíticos estão fortemente associados a questões diatópicas: a escrita no Nordeste é mais inovadora e a do Sudeste, tendo como representante o Estado Rio de Janeiro, é mais conservadora.

Como evidência de um quadro inovador da escrita na região Nordeste, Martins (2018) mostra que:

- (a) De um modo geral, a interpolação com constituintes diferentes do marcador frásico de negação “não”, característica do Português Clássico (PCl), está restrita à escrita no Brasil do século XIX, com uma queda de 57 para 11 dados em textos da primeira para a segunda metade desse período, como dado em (10);

(10) [19,1 CL CE] Senhor Redactor. – O Padre João Marrocos Teles, que acaba de ser justa, e merecidamente removido de professor de latim do Crato para Baturité, hum dos actos do Excelentíssimo Senhor Doutor Moraes Sarmiento, que muito honra sua sabia administração, tem vexado aos senhores doutores Ramos, promotor P., Vigario, agente do correio, padre Lima Seca, e mais outros para lhe darem attestado de sua conduta moral, e que tem sua aula aberta, e nella insina com freqüência. *ME muito AFOÍTESA*, senhor redactor pedirem se taes attestados: os dois primeiros senhores ja lhe diceraõ abertamente, que não lhe davaõ attestados

- (b) A contração de clíticos, ainda frequente no Português Europeu moderno (PE) (MARTINS, A. M., 2013), desaparece em textos do século XX, sendo encontradas poucas ocorrências em textos do século XIX, em sua maioria do estado do Rio de Janeiro, como (11);

(11) [19,1 CL RJ] *Parece-me incrível; e entretanto M’O AFFIRMA pessoa que tem rasão para saber do facto.*

- (c) Em predicados complexos, a colocação inovadora característica do português brasileiro, com próclise em posição absoluta na oração e no período, aparece timidamente, com 3 dados, na primeira metade do século XIX na escrita da

impressa da região Nordeste, nos estados do Ceará e Pernambuco, como dados em (12).

(12) a. [19,1 CL PE] Assim pois o Senhor Rego Albuquerque dizendo que estava informando, que não afirmou que ali esteve o Senhor Rangel, e sim comunicou o que chegou a sua notícia. Como a vista desse modo de falar pode ser tachado de caluniador? O Senhor Rangel procurou saber se apareceraõ essas notícias nos Afogados? Estou que não. *SE INDAGOU*. Constou-lhe que nunca se desse tal cousa? Duvido.

b. [19,1 A PE] Na rua d'Agoas-Verdes. numero 46. *SE DIRÁ* quem vende um excelente moleque de idade de 17 annos, muito proprio para servir a uma casa, pois é muito fiel, bom comprador, e não tem vicio nem achaque, o que se affiança, um escravo bom canoero e pescador, sem vicio nem achaque, um dito idade de 20 annos, proprio para armazem de assucar, um dito idade de 25 annos, bom canoero, uma moleca de nação idade de 15 annos, com principios de boas habilidade, é recolhida, e mui bem educada, uma escrava idade 26 annos, sabendo todo o arranjo de uma casa, uma dita idade de 30 annos, optima engomadeira, cosinheira, e compradeira por 400\$000 réis, uma dita idade de 25 annos, boa quitandeira e costureira por 350\$000 réis, uma dita idade de 40 annos, faz todo o serviço de uma casa, nao tem molestias por 150\$000 réis, um terreno no melhor lugar dos Coelhos, e a parte de um sobrado na principal rua do bairro de Santo Antonio.

c. [20,2 CL CE] O que se questiona é quem collocaremos novamente no poder? Pois, sabemos que nosso País foi colonizado por meliantes oriundos de Portugal, onde ao chegarem aqui, encontraram índios e escravos africanos, que dessa miscigenação resultou no produto final – o brasileiro. *NOS RESTA*, somente aguardar o próximo furo de reportagem da revista Veja, e logo em seguida, a matéria detalhada nos jornais de grande circulação, para sabermos a quem será atribuída a nova falcatura ou patifaria. [Gustavo César Lima Peixoto]

Carneiro (2005) e Carneiro e Galves (2010) num *corpus* de cartas pessoais da Bahia mostram o mesmo quadro, com ocorrências de clíticos em primeira posição absoluta na primeira metade do século XIX.

- (d) Em predicados complexos, diminuí significativamente a subida de clítico para o verbo auxiliar em construções com aspectuais e modais, e essa diminuição parecer ser sensível à região. O fenômeno de subida de clíticos se dá quando um pronome pessoal clítico se cliticiza fora do domínio verbal do qual depende em estruturas com predicados complexos, considerando que esse elemento se move (sobe) para um domínio funcional (temporal, aspectual ou modal) da estrutura oracional ou para um verbo superior, a depender da proposta de

representação adotada. Numa perspectiva de análise que confronta alçamento *versus* não alçamento do clítico, podemos propor que das quatro posições possíveis em sentenças com predicados complexos (conforme dados em 13), aquelas com subida de clíticos, como em (13c e 13d), são construções conservadoras em oposição à variante sem alçamento e ênclise ao verbo temático, como em (13b), e à inovadora do PB sem alçamento e próclise ao verbo temático, como em (13a).

- (13) a. [19,1 CR CE] Uma vez que os Cearenses não *PODEM SE LIGAR* em um só pensamento político
- b. [19,2 CA RJ] Sob estas condições, ninguém *PODE SURPREENDER-SE* da violência produzida, cuja origem é evidente.
- c. [20,2 CL CE] Não *SE PODE CONCEBER* que este tipo de abuso continue a acontecer, sem que nada de concreto se faça para coibir estes desmandos
- d. [20,2 CR CE] *PODE-SE AFIRMAR* que, em linhas gerais, a economia oferece perspectiva favorável para 1982.

É importante destacar que as construções sem alçamento e ênclise ao verbo temático também são construções conservadoras, associadas a uma gramática com formas clíticas átonas acusativas de terceira pessoa *o/a*. Mas, de modo geral, as formas com alçamento de clíticos são variantes conservadoras na escrita no Brasil e Martins (2018) mostra que há uma diferença diacrônico-diatópica significativa no condicionamento do alçamento, numa análise multivariada com os programas do pacote estatístico GoldVarb X com peso relativo, na amostra que analisa: a diferença é de 0,62 de peso relativo para os textos do Rio de Janeiro, na região Sudeste, em oposição aos textos da região Nordeste, com pesos relativos de 0,45 para Pernambuco, 0,43 para Ceará e 0,42 para Bahia, conforme dados na tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Frequências de usos e pesos relativos de subida de clíticos por Estado

	Apl/Total	PR.
Rio de Janeiro	101/150 – 67%	0,62
Pernambuco	183/262 – 69%	0,45
Ceará	81/128 – 63%	0,43
Bahia	131/226 – 57%	0,42
TOTAL	496/766 – 64%	

Log likelihood = -397,339 Significance = 0,048

Fonte: Martins (2018, p. 206).

Considerando a relação entre a sintaxe dos pronomes clíticos e a evolução do objeto nulo característico do PB, do ponto de vista geográfico em relação às singularidades

de aspectos da sintaxe inovadora do PB se revelando na escrita da região Nordeste em relação às demais regiões do Brasil, é importante destacar o trabalho de Cyrino (2018) que analisa a evolução do objeto nulo em cartas de leitores e de redatores e anúncios de jornais anúncios e cartas particulares de diferentes estados brasileiros (Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo). Os resultados da autora mostram que o estado do Rio de Janeiro é o também o mais conservador em relação aos usos do objeto nulo nas cartas de leitores.

Ainda sobre a sintaxe de colocação dos pronomes clíticos, considerando dados de Santa Catarina na região Sul, agora em sentenças finitas afirmativas com um verbo em posição inicial em contextos XV neutros (conforme dados em (14-17) a seguir), Martins *et al.* (no prelo) trazem um resultado interessante para a hipótese que nos colocamos para este artigo.

(14) Sentenças matrizes com verbo precedido de oração subordinada

[20,1 CL SC] Scientes agora o seu pensamento em relação a greve com a qual Vossa senhoria não poderá concordar, attendendo ao seu longo passado, todo dedicado a ordem, as industrias e ao progressão da terra brasileira, pensamento do qual nos não podemos discordar, CUMPRE NOS todavia levar ao conhecimento de Vossa senhoria que não podemos mais evitar a explosão do nosso operariado que esta se manifestando profundamente desgostoso com a attitude do Senhor Neitsch.

(15) Verbo precedido de sujeito

- a. [20,2 CL SC] Vocês SE LEMBRAM daquela umsiquinha que diz assim: Choveu, choveu Choveu. Canasvieiras enche Quando chove
- b. [19,1 CL SC] Dito e feito. A pirataria POZ-SE em actividade; e muitas embarcações nacionaes forão tomadas a pretexto de reprezalia!

(16) Verbo precedido de sintagma preposicional

- a. [19,1 A SC] No armazem de Henrique Schutel VENDE-SE milho a 1:280 réis o sacco
- b. [19,1 A SC] Precisa-se de um menino para caixeiro de uma casa de molhados que tenha alguma prataica deste negocio. Nesta Typographia SE DIRÁ com quem deve tratar.

(17) Verbo precedido de advérbio

[19,2 CL SC] Minha filha tomou 18 frascos [de] Peitoral de Cambará e hoje ACHA-SE completamente restabelecida.

Numa análise estatística de regra variável com dados de cinco estados brasileiros, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina, com os programas do pacote GoldVarb X, os autores encontram uma especificidade diatópica quando comparados os dados de SC com os demais Estados na história do português escrito no Brasil. Os

textos de SC, com peso relativo de 0,27 (10/102 – 10%), inibem a próclise inovadora do PB nesses contextos em relação aos textos do RJ, com peso relativo de 0,64 (45/119 – 0,64), da BA, com peso relativo de 0,58 (18/80 – 20%), de PE, com peso de 0,56 (27/99 – 27%) e do CE, com peso de 0,41 (24/63 – 38%), como sistematizam os dados na tabela 2 a seguir:

Tabela 2 – Próclise por posição região/Estado: dados da primeira metade do século XIX - 1800-1850

	Apl/Total	PR.
Santa Catarina (SC)	10/102 – 10%	0,27
Rio de Janeiro (RJ)	45/119 – 38%	0,64
Bahia (BA)	18/80 – 20%	0,58
Pernambuco (PE)	27/99 – 27%	0,56
Ceará (CE)	24/63 – 38%	0,41
TOTAL		

Log likelihood -376.092; = Significance =0.000

Fonte: Martins *et al.*, (no prelo, p.14).

Os resultados aqui reunidos sobre a sintaxe de posição em sentenças simples em ambientes de variação diacrônica e de colocação em sentenças com predicados complexos dos pronomes pessoais clíticos, mostram, de um lado, que a interpolação e a contração de clíticos se perdem na escrita do Brasil do século XIX, e os poucos resquícios encontrados estão sobretudo na escrita do Sudeste; de outro lado, é na escrita da imprensa da região Nordeste desse período que se encontram dados com próclise em posição absoluta na oração e no período, logo na primeira metade do século XIX, uma construção inovadora da gramática do PB. Ademais, as construções conservadoras com alçamento de clíticos são sensíveis à região de modo que os textos do Rio de Janeiro, na região Sudeste, em oposição aos textos da região Nordeste, são mais conservadores, ao mesmo tempo que SC na região Sul se mostra mais conservador em relação aos demais estados no uso da próclise em sentenças matrizes afirmativas em ambientes neutros.

Atar as pontas e concluir este texto

Os resultados retomados neste artigo de estudos sobre a implementação do pronome *você* na função de sujeito, da expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa e da sintaxe de posição e de colocação dos pronomes clíticos delinham um mapeamento diatópico-diacrônico do português escrito no Brasil no curso dos séculos XIX e XX. Do quadro apresentado, podemos concluir que a implementação do pronome *você* na região Nordeste parece estar já consolidada na escrita em finais do século XIX, enquanto nas regiões Sudeste e Sul, sobretudo nos estados do RJ e de SC,

há uma clara implementação do *você* na escrita a partir da década de 1930 do século XX, ou inclusive mais tarde como mostram os dados de SC.

A implementação das variantes para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular, de igual modo, parece ser dar na mesma direção, de modo que a variante pronominal *te* é significativamente menos frequente já no início do século XX na escrita do Nordeste, enquanto a variante inovadora *lhe* se mostra já totalmente implementada no sistema pronominal desse período, assim como também há elevadas frequência de uso das formas inovadoras nulas e preposicionadas no curso do século XX. Esse não é o quadro da região Sudeste e Sul em que, apesar de o percurso de implementação parecer ser o mesmo, a distribuição e a frequência de uso das formas inovadoras não são tão frequentes e entram na escrita mais tarde na linha do tempo.

Numa mesma direção, os resultados sobre a sintaxe de posição em sentenças simples e de colocação em sentenças com predicados complexos dos pronomes clíticos mostram o mesmo quadro, em que formas inovadoras como a próclise em posição inicial absoluta na sentença são mais frequentes na escrita no Nordeste, enquanto formas conservadoras, como a interpolação e a contração de clíticos e as construções com subida de clíticos são mais recorrentes (e mesmo condicionadas como mostram os índices estatístico-probabilísticos da análise estatística de MARTINS, 2018 e MARTINS *et al.*, [2021?]) na escrita das regiões Sudeste e Sul.

Esse mapeamento diatópico-diacrônico nos permite trazer à tona argumentos a favor da hipótese que nos colocamos na introdução deste artigo de que, no vasto território brasileiro no curso dos séculos XIX e XX, a gramática inovadora do Português Brasileiro parece deixar “correr sua tinta” com mais expressividade na região Nordeste quando comparada às regiões Sudeste e Sul do país (TARALLO, 1993).

MARTINS, M. Singularities in the syntax of brazilian portuguese written in the northeastern region in the 19th and 20th centuries. *Alfa*, São Paulo, v.65, 2021.

- *ABSTRACT: In the disciplinary field of diachronic syntax, I present in this article a diatopic-diachronic mapping of the results of different studies of three morphosyntactic phenomena of Portuguese written in Brazil in the 19th and 20th centuries: the implementation of the pronoun você as a subject; the expression of the dative complement with reference to the second person singular; and the syntax of placement and position of clitic personal pronouns in simple sentences and in complex predicates. This diatopic-diachronic mapping allows me to bring up arguments in favor of the hypothesis that in the vast Brazilian territory of the 19th and 20th centuries the innovative forms of Brazilian Portuguese grammar are implemented with more expressiveness, already in late 19th century writing, first in the Northeast when compared to the Southeast and South regions. In writing in the Brazilian Northeast of the 19th century there are reflections of a system already implemented with the pronoun você in the function of subject, with the pronoun lhe as a dative complement of the second person singular, with*

an expressive increase of the prepositional forms (a/para + te/tu/you), and with a system of clitics with few cases of interpolation and contraction of clitics pronouns and innovative forms with proclisis in initial position of the period.

- **KEYWORDS:** *diachronic syntax; pronoun você; second person datives; clitics; northeast region of Brazil.*

REFERÊNCIAS

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (ed.). **Style in Language**. Massachusetts: MIT Press, 1960. p. 253-276.

CARNEIRO, Z. **Cartas brasileiras (1809-1904):** um estudo linguístico-filológico. 2005. 2329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Orientadora: Charlotte Galves.

CARNEIRO, Z; GALVES, C. Variação e gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 18, n.2, p. 7-38, 2010.

CASTILHO, A. T. A linguística brasileira e o desenvolvimento de projetos coletivos. **Blog da Editora Contexto**. 2018. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/blog/a-linguistica-brasileira-e-o-desenvolvimento-de-projetos-coletivos-ataliba-t-de-castilho/>. Acesso em: 14 mar. 2019.

COMPANY, C. C. El objeto indirecto. In: COMPANY, C. C. (dir.). **Sintaxis histórica de la lengua española**: Primera parte: La frase verbal. México: Fondo de Cultura Económica y Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. p. 479-574.

COMPANY, C. C. Reanálisis em cadena y gramaticalización: dativos problemáticos em la história del espanhol. **Verba**: Anuario Galego de Filoloxía, Santiago de Compostela, v.29, p.31-69, 2002.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolingüística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

COSTA DA SILVA, F. **O emprego das formas dativas de segunda pessoa na escrita do Nordeste brasileiro do século XX:** uma mudança em curso. 2017. 105f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

CYRINO, S. O objeto nulo. In: CYRINO, S.; TORRES MORAES; M. A. (org.). **Mudança sintática no português brasileiro:** perspectiva gerativista. São Paulo: Contexto, 2018. p. 210-251.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change:** internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOBO, T. C. F. **Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil**: Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX. 2001. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LOBO, T. C. F. **A colocação dos clíticos em português**: duas sincronias em confronto. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

LOPES, C.; CAVALCANTE, S. R. de O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de *você* sujeito e retenção do clítico te. **Linguística**, Madrid, v. 25, 2011.

LOPES, C. R.; MARCOTULIO, L., L.; BRITO, M. C. R. DE ; OLIVEIRA, T. L.; SOUZA, J. P. F ; COELHO, I. L.; GOMES, V. S.; CARNEIRO, Z.; ANDRADE, A. L.; MARTINS, M. A.; OLIVEIRA, M. F.; MONTE, V. M.; SOUZA, C. M. N.; BALSALOBRE, S. R. G.; MOURA, K. K.; CRUZ, I. A.; CARDOSO, N. D. A Reorganização no Sistema Pronominal de 2a. pessoa na História Do Português Brasileiro: Posição De Sujeito. In: LOPES, C. (org.). **História do português brasileiro**: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2018. v. 4. p. 7-105.

LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. de B. A difusão do *você* pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro. v. 1, p. 12-25, 2015.

MARTINS, A. M. Posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, E. B. P.; NASCIMENTO, M. F. B. do; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v.II. p. 2231-2302.

MARTINS, M. A. A sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na história do português brasileiro. In: CYRINO, S; TORRES MORAES; M. A (org.). **Mudança sintática no português brasileiro**: perspectiva gerativista. São Paulo: Contexto, 2018. p. 53-103.

MARTINS, M. A. Para o estudo da propagação da mudança na colocação de clíticos no Português Brasileiro. In: FERREIRA LIMA, M. A.; ALVES FILHO, F.; COSTA, C. de S. M. (org.). **Linguística e literatura**: percorrendo caminhos. Teresina: EDUFPI, 2013. v. 1. p. 83-98.

MARTINS, M. A. Reflexos da gramática do PC na escrita brasileira do século 19: uma análise das construções XclV. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE,

J. ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. **ROSAE**: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 333-356.

MARTINS, M. A. **Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20**. 2009. 326f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MARTINS, M. A.; ANDRADE, A. L. de; MOURA, K. K.; LACERDA, M.; GOMES, V. S.; CARNEIRO, Z. Para um panorama socio-histórico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro. v. 1, p. 26-48, 2015.

MARTINS, M. A.; ANDRADE, A.; SCHEIDT, G. H.; SILVA, J. S.; DUARTE, R. R. Análise diatópico-diacrônica dos clíticos em jornais brasileiros dos séculos XIX e XX e especificidades da escrita em Santa Catarina. In: COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I. O. S; MARTINS, M. A.; GÖRSKI, E. M. **Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina dos séculos XIX e XX**. Florianópolis: EDUFSC, no prelo.

MOURA, K. K. **A implementação do *você* em cartas pessoais Norte-rio-grandenses do século XX**. 2013. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

NUNES DE SOUZA, C. M. N. **A alternância entre *Tu* e *Você* na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século**. 2015. 181f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NUNES DE SOUZA, C.; COELHO, I. L. Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro. v. 1, p. 49-61, 2015.

NUNES DE SOUZA, C.; COELHO, I. L. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, p. 213-243, 2013.

OLIVEIRA, T. L. de. Os pronomes dativos de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 81-98, 2015.

OLIVEIRA, T. L.; CARVALHO, B. B. A.; SILVA, T. F. T. A. Convergências e divergências na expressão do dativo de segunda pessoa: análise de cartas pessoais catarinenses e cariocas dos séculos XIX e XX. In: COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I. O. S; MARTINS, M. A.; GÖRSKI, E. M. **Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina dos séculos XIX e XX**. Florianópolis: EDUFSC, no prelo.

PAGOTTO, E. **A posição dos clíticos em português:** um estudo diacrônico. 1992. 168f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

SOUZA, J. P. F. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal:** análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém-mar e d'além-mar ao final do século XIX. *In:* ROBERTS, I; KATO, M. (org.). **Português brasileiro:** uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

TORRES MORAIS, M. A.; BERLINCK, R de A. O objeto indireto: argumentos aplicados e preposicionados. *In:* CYRINO, S. M. L.; TORRES MORAIS, M. A. **Mudança sintática no português brasileiro:** perspectiva gerativista. São Paulo: Contexto, 2018. p. 251-307.

Recebido em 16 de março de 2019

Aprovado em 23 de maio de 2020